

O dindim de coco queimado

Wesdley Vasconcelos

Meu avô era um homem engraçado. Um homem engraçado, meu avô. A gente morava, a família toda, numa casa grande, com alpendre, no interior do interior de uma pequena cidade sertaneja, que poderia ser qualquer uma dentre tantas, mas era a nossa.

Lembro bem, meu avô chamava o calor de “quentura” e o dicionário concordava com ele, parece. Eu também concordava. Calor é uma palavra muito fria para o que deveria representar. A pessoa que inventou essa palavra, tenho certeza, podia até saber um pouco de latim, mas nunca passou perto da nossa casa às três da tarde.

Meu pai dizia que os seres humanos não foram concebidos para viver sob aquela temperatura. E a gente não vivia. Sair à rua, nem pensar. O comércio da cidade era fechado, inclusive. As lojas só subiam as portas quando começava a descer o sol. Ficávamos em casa procurando maneiras de se resfriar, ora deitando no piso de azulejos, ora fabricando vento com o balanço da rede.

Era nessa hora de plena quentura, quando o mundo inteiro parecia que iria derreter, e nós junto com ele, que meu avô surgia com seu cachecol (isso mesmo, um cachecol), desfilando na varanda, cortejando filhos e netos com uma bandeja geladinha, cheia de dindins de coco queimado.

Dindim é um picolé dentro de um saco. Já ouvi usarem a palavra sacolé na televisão e achei literal demais. Sei que não existe jeito certo nem errado de chamar as coisas. O que existe é o jeito de cada um, de cada canto. Mas dindim era o nosso jeito.

Dindim é um barulhinho em forma de palavra. É quase uma onomatopeia, quase um apelido. Mas eu gostava de pensar que era nome próprio. E o sobrenome era coco queimado. Escrevamos com letras maiúsculas, então. Dindim de Coco Queimado.

E o senhor Dindim era a frescura em pessoa. Esfriava nossos corpos tépidos de dentro para fora. E de fora para dentro, também, pois deslizávamos aquele saquinho gelado feito compressa, na testa e na nuca, em busca de arrefecer a febre vespertina que sempre nos acometia.

E toda tarde era a mesma coisa. Meu avô almoçava, deitava na sua rede estampada, e ficava estilingando, com o dedão, suas sandálias de borracha azuis, que batiam na sola áspera e calejada de seus pés e faziam estalos, dos quais a gente sempre ria. Os estalos iam ficando cada vez mais fracos e ele acabava adormecendo.

Alguns quartos de hora depois, acordava pingando suor pela testa, meio irritadiço, e corria para tomar banho na bica do quintal. Depois de banhar-se, voltava triunfante, a careca brilhando, vestindo apenas uma bermuda, nas mãos a bandeja de dindins, e sobre os ombros uma toalha molhada com a qual acabara de se enxugar.

Esse era o cachecol do meu avô. Uma toalha felpuda, fofinha e úmida, que ele ostentava como se fosse o cinturão de um campeão mundial de pugilismo, ou um cachecol mesmo. E com ele ficava, até a tardinha. Mas tirava sempre antes de chegar a friagem da noite do sertão.

Eu achava bonito ver meu avô de cachecol no pico da tarde. Não era um cachecol de esquentar, mas sim de refrescar, isso eu já sabia naquela época, mas gostava de imaginar que era o meu avô quem trazia o frio que amansava a quentura da vida inteira. Como um esquimó que aparece do nada em pleno deserto, meu avô surgia como uma visagem, uma fantasia das nossas cabeças de menino. Com seus dindins e sua toalha molhada, mudava a paisagem e a temperatura daquele pedaço de sertão.

O coco podia ser queimado, mas era bem fresquinho, colhido do pé pelo meu avô e ralado pela minha avó. Depois de congelado e transformado em dindim, era a brisa que faltava para balançar as folhas imóveis do cajueiro.

Era o rescaldo que fazia subir do chão um cheiro de terra molhada.

Era o sopro no pé do ouvido que arrepiava os pelos do
braço.

Era o barulho de uma fogueira se apagando quando se jogava sobre ela um balde d'água.

É o gostinho que ainda hoje carrego no canto da boca quando me lembro da infância. É a receita secreta, que se perdeu quando minha avó começou a se esquecer das coisas, e hoje tentamos reproduzir sem sucesso na cozinha do nosso apartamento.

O dindim é o tempo congelado, guardado dentro de um saquinho e devorado por uma criança gulosa e sedenta, numa tarde de quentura, no interior do interior de uma cidadezinha do sertão.